



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Processos Psicológicos Básicos
Programa de Pós Graduação em Ciências do comportamento

**O efeito da reorganização de classes de equivalência sobre o comportamento de
culpabilizar vítimas de estupro**

Pesquisadora: Amanda Cordeiro Silva

Orientadora: Natalia Maria Aggio

Brasília, abril de 2024



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Processos Psicológicos Básicos
Programa de Pós Graduação em Ciências do comportamento

**O efeito da reorganização de classes de equivalência sobre o comportamento de
culpabilizar vítimas de estupro**

Pesquisadora: Amanda Cordeiro Silva
Orientadora: Natalia Maria Aggio

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Comportamento da
Universidade de Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Ciências do
Comportamento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES). Dissertação financiada com Bolsa de Mestrado pela
CAPES atribuída à Amanda Cordeiro Silva (Processo 88887.802121/2023-00)

Brasília, abril de 2024

Banca examinadora

Prof^a Dr^a. Natalia Maria Aggio (Presidente)

Universidade de Brasília

Prof Dr. João Henrique de Almeida (Membro efetivo)

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof^a Dr^a. Táhcita Medrado Mizael (Membro efetivo)

Universidade de São Paulo

Prof^a Dr^a. Carolina Laurenti (Membro suplente)

Universidade Estadual de Maringá

Agradecimentos

Este trabalho foi uma experiência desafiadora e muito valiosa pra mim. Com toda certeza, cada pessoa que esteve em minha vida durante esse período foi parte importante desse processo.

Agradeço primeiramente a minha orientadora Natalia Aggio, uma analista do comportamento, professora e cientista exemplar. Sou muito honrada de ter tido a chance de aprender com você. Graças a você e sua forma gentil de ensinar, com seus feedbacks precisos e nada punitivos, eu estou encerrando essa experiência com muito aprendizado e boas memórias.

Agradeço a minha família que desde muito pequena me incentivou a estudar e reforçou minha curiosidade, me ajudando a desenvolver o interesse pela pesquisa. Agradeço especialmente a minha mãe Edilene que além de todo apoio que me deu ao longo de toda vida, também foi meu suporte emocional, obrigada por sempre acreditar em mim. Agradeço também meus gatos Simba e Frederica pela companhia e carinho. Agradeço meu companheiro Pedro por sempre ter acreditado no meu potencial, por ter sido meu parceiro de estudos desde o processo seletivo até hoje e por todos os momentos felizes que me trouxeram leveza.

Agradeço meus amigos Luiz, Rodrigo, Mariana, Arianne e Dara que estão em minha vida desde o início da graduação e seguem sendo muito importantes pra mim, vocês são inspirações. Agradeço também a todos os meus amigos guaraenses pelas conversas e trocas sobre diferentes áreas de conhecimento, especialmente ao Kenny por me apresentar perspectivas diferentes, a Fabi por estar comigo desde a graduação e ao Raí por todo apoio e carinho em cada etapa dessa formação. Agradeço também às minhas amigas Daniela e

Milena, minhas amigas da época da escola que seguem me proporcionando ótimas conversas e muitas risadas.

Agradeço a todo apoio e carinho da Cinthia, a primeira analista do comportamento com quem tive contato antes mesmo de saber o que isso significava. Amiga, você é uma inspiração. Agradeço também a Juliana, que foi como uma irmã mais velha pra mim me guiando e colaborando pro desenvolvimento do meu interesse em pesquisa. Agradeço meus colegas de pesquisa: Aline, por ter me inspirado a estudar gênero a partir da análise do comportamento, a Gabi por estar ao meu lado em diversas experiências acadêmicas e Conrado por todos os ensinamentos dentro e fora da psicologia. Agradeço também por todas as conversas e risos, todos vocês me ajudaram a viver essa experiência com mais leveza.

Agradeço a todos que participaram da minha pesquisa e que me ajudaram na divulgação. Agradeço também ao Conrado e ao Eudes por me ajudarem com a coleta de dados.

Agradeço aos professores e servidores do PPB, departamento que foi minha casa durante muitos anos e segue sendo um lugar muito especial pra mim. Agradeço especialmente às professoras Laercia, Raquel Melo, Raquel Aló e Natalia Aggio pelas aulas e espaços de discussão durante o mestrado.

Agradeço à CAPES pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço à banca pela disponibilidade e pela oportunidade de aprender com vocês. Agradeço ao João de Almeida por ter se reunido com meu grupo de pesquisa e apresentado sugestões para este trabalho. Agradeço também a presença da Táhcita Mizael que é uma inspiração pra mim em seus estudos sobre minorias e equivalência de estímulos.

Sumário

Método.....	19
Participantes.....	19
Situação experimental.....	19
Tabela 1.....	22
Procedimento.....	22
Resultados.....	26
Tabela 2.....	27
Figura 1.....	28
Tabela 3.....	29
Tabela 4.....	31
Tabela 5.....	32
Figura 2.....	33
Figura 3.....	35
Discussão.....	35
Referências.....	44
Anexos.....	48
Apêndice 1.....	49
Apêndice 2.....	52
Anexo 1.....	54
Anexo 2.....	56
Anexo 3.....	62
Anexo 4.....	65

Lista de Figuras

Figura 1. Escore no AMMSA dos participantes do grupo NC e do grupo C.....	28
Figura 2. Nível de culpabilização por vinheta no pré e pós testes.....	33
Figura 3. Escore no AMMSA no pré e pós teste.....	35

Lista de Tabelas

Tabela 1. Descrição dos estímulos utilizados no MTS.....	22
Tabela 2. Porcentagem de atribuição de responsabilidade nas Escala de Atribuição de Responsabilidade e Escore no AMMSA de acordo com o gênero do experimentador	27
Tabela 3. Desempenho de cada participante no procedimento MTS.....	29
Tabela 4. Culpabilização por vinheta de estupro velado no pré e pós teste.....	31
Tabela 5. Justificativas para culpabilização por vinheta no pré e pós teste.....	32

Resumo

Mitos sobre estupro colaboram para a culpabilização de vítimas, para a não responsabilização de agressores e para um baixo número de denúncias. O paradigma de equivalência de estímulos tem se mostrado uma possibilidade para estudos envolvendo transferência de função com estímulos socialmente relevantes. O objetivo do presente trabalho foi replicar o estudo de Freitas (2019) sobre reorganização de classes de equivalência relacionadas ao comportamento de culpabilizar vítimas de estupro, diminuindo o procedimento a partir da retirada de uma medida de pré e pós teste utilizada para aferir atitudes implícitas (IRAP). Participaram do estudo 50 homens universitários. Metade da coleta foi realizada por experimentador homem e metade por experimentadora mulher, ambos brancos. Na primeira sessão os participantes responderam a dois formulários de pré-teste contendo uma escala de mitos sobre violência sexual (AMMSA) e vinhetas com descrições de histórias de estupro e sexo consensual. Treze participantes culpabilizaram pelo menos uma vítima nas vinhetas de estupro e por isso foram selecionados para realizar o procedimento de formação de duas classes de equivalência com três estímulos em cada. A Classe 1 era formada pelas palavras responsável e duas pseudopalavras. A Classe 2 pela palavra vítima, uma pseudo palavra e o nome da mulher culpabilizada em uma das vinhetas. Na primeira sessão foram realizados os treinos de linha de base e teste de simetria. Na segunda sessão foram realizados testes de equivalência. No teste AC3 o nome do homem presente em uma das vinhetas, substituiu uma das pseudopalavras da Classe 1 como estímulos de comparação. Por fim, os participantes respondiam aos mesmos formulários do primeiro dia. Dos 13 participantes que participaram desta etapa do procedimento, dez atingiram os critérios necessários para seguir na fase de testes. Vinte por cento e 32% dos participantes que passaram pelas sessões respectivamente com uma experimentadora mulher e um experimentador homem culpabilizaram a vítima em alguma vinheta. Isso indica que o balanceamento de gênero dos experimentadores foi importante para controlar o viés de desejabilidade social. Não foram observadas diferenças significativas entre os resultados do questionário AMMSA a depender do gênero do experimentador. No procedimento de formação de classes, sete dos dez participantes formaram classes de equivalência. No teste AC3, a relação entre a palavra responsável e o nome do homem emergiu para seis de dez participantes, indicando que houve transferência de função. De nove participantes que responderam ao pós-teste, sete deixaram de culpabilizar a vítima cujo nome estava presente no teste de relações de simetria e equivalência, porém quatro deles passaram a culpabilizar a vítima em vinhetas nas quais não haviam culpabilizado antes. Isso indica que o comportamento não se generalizou para além dos nomes que foram treinados e aponta uma limitação do procedimento. Os resultados replicam os dados de Freitas (2019), com exceção dos resultados de pré e pós teste do AMMSA, em que não foi encontrada diferença estatisticamente significativa. Hipotetiza-se que essa diferença entre os estudos pode ter relação com a retirada do IRAP.

Palavras-chaves: estupro; equivalência de estímulos; culpabilização da vítima; transferência de função

Abstract

Myths about rape contribute to blaming victims, not holding aggressors accountable and to a low number of reports. The stimulus equivalence paradigm has been shown to be a possibility for studies involving transfer of functions with socially relevant stimuli. The aim of this study was to replicate the study by Freitas (2019) on the reorganization of equivalence classes related to the behavior of blaming rape victims, and reducing the procedure by removing a pre- and post-test measure used to gauge implicit attitudes (IRAP). Fifty university men took part in the study. Half of the tests were carried out by a male experimenter and half by a female experimenter. In the first session, participants answered two pre-test forms containing a scale of myths about sexual violence (AMMSA) and vignettes describing stories of rape and consensual sex. Thirteen participants blamed at least one victim in the rape vignettes and were selected to undergo the procedure of forming two equivalence classes with three stimuli each. Class 1 consisted of the words responsible and two pseudo-words. Class 2 consisted of the word victim, a pseudo-word and the name of the woman blamed in one of the vignettes. In the first session, baseline training and the symmetry tests were carried out. In the second session, equivalence tests were carried out. In the AC3 test, the name of the man in one of the vignettes replaced one of the pseudo-words from Class 1 as comparison stimuli. Finally, the participants answered the same forms as on the first day. 10 out of 13 people who participated of the procedure was able to continue by meeting the necessary criteria to the next phase. Twenty and 32% of the participants who went through the sessions with a female experimenter and a male experimenter, respectively, blamed the victim in some vignette. This indicate that the gender balance of the experimenters was important in controlling the social desirability bias. No significant differences were observed between the results of the AMMSA questionnaire and the gender of the experimenter. In the class formation procedure, seven of ten participants formed equivalence classes. In the AC3 test, the relationship between the word responsible and the man's name emerged for six out of ten participants, indicating that there had been transfer of functions. Of the nine participants who answered the post-test, seven stopped blaming the victim whose name was present in the symmetry and equivalence relations test, but four of them started blaming the victim in vignettes in which they had not blamed before. This indicates that the behavior did not generalize beyond the names that were trained and points to a limitation of this study. The results replicate the data from Freitas (2019), with the exception of the AMMSA pre- and post-test results, where no statistically significant difference was found. It was hypothesized that this difference between the studies may be related to the withdrawal of the IRAP.

Keywords: rape; stimulus equivalence; victim blaming; transfer of function.

Em 2023, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) produziu um estudo sobre estupro no Brasil com base em dados de 2019 obtidos a partir da Pesquisa Nacional da Saúde, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNS/IBGE), e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). Com uma estimativa conservadora, autores da pesquisa calculam que ocorrem 822 mil estupros por ano no Brasil. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública relatou em 2023 o maior número de estupros já registrados na série histórica. 8,21% a mais que no ano de 2021. As vítimas são em sua maioria do sexo feminino (88,75%), sendo mais da metade mulheres negras. Mais da metade das vítimas (61,4%) tem entre 0 e 13 anos e nesses casos os agressores são conhecidos da vítima (86,1%) e familiares (64%). Para as vítimas maiores de 14 anos os agressores são conhecidos (77,2%) da vítima, parceiros ou ex-parceiros íntimos (24,3%).

Ryan (1998) a partir do relato de 20 estudantes, buscou entender as diferenças do que seria considerado um "estupro típico" e uma "sedução típica". A partir de relatos de sua pesquisa, definiu algumas crenças mais comuns na narrativa das pessoas sobre quais seriam as características definidoras de um estupro. A autora identificou o que chamou de "mitos", crenças muito difundidas culturalmente, mas que não condizem com a realidade. Com os resultados obtidos, foi possível perceber que um "estupro típico", ou seja, que envolvia situações em que as pessoas tinham mais probabilidade de classificar como estupro, consistia em uma situação que uma mulher estava fora de casa e era atacada por um homem estranho, com problemas sociais ou mentais. O autor do estupro era descrito como alguém muito agressivo e a vítima como uma pessoa assustada. Por outro lado, a sedução era descrita como algo que acontecia dentro de casa envolvendo álcool. A autora ainda pontua que, apesar do estupro praticado por um conhecido ser mais comum que o estupro violento, o primeiro tem

menos chance de ser classificado como estupro e também menos chance de que a vítima busque ajuda por compartilhar muitas similaridades com o estereótipo de sedução.

Freitas & Morais (2019) apontam que os mitos acerca de estupro reforçam a culpabilização das vítimas desse tipo de violência e as coloca em situação de vulnerabilidade, pois uma vez que as crenças da comunidade verbal acerca do assunto descrevem um estereótipo do que é o estupro, o que foge desse estereótipo pode ser descredibilizado. Os mitos sobre estupro são reproduzidos e propagados pela comunidade verbal por meios diversos. As autoras utilizaram como exemplo o mito de que o estuprador é um desconhecido da vítima para mostrar algumas topografias em que os mitos podem se apresentar. Por exemplo, quando a mídia veicula notícias apenas de casos que corroboram esse estereótipo e quando o relato de mulheres que afirmam terem sido estupradas por um conhecido é questionado.

Quando as pessoas que concordam com os mitos do estupro os utilizam como justificativa para culpabilizar a vítima pela agressão ocorrida, em qualquer grau que seja, pode-se dizer que a vítima passa de vítima para responsável. Ou seja, o significado de ser uma pessoa que sofreu uma agressão é modificado e isso pode trazer implicações. Por exemplo, a partir de dados do IPEA (2023), estimou-se que apenas 8,5% dos crimes de estupro são de conhecimento da polícia e 4,2% do sistema de saúde. Uma das hipóteses é que as vítimas podem não denunciar por medo de culpabilização, ou até mesmo não serem capazes de se reconhecer na posição de vítimas (Grubb & Harrower 2008). Assim, torna-se relevante entender quais variáveis levam a classificação de alguém como vítima ou como responsável em algum grau pelo ocorrido.

Na Análise do Comportamento, o paradigma de equivalência de estímulos tem sido apontado como um modelo para estudar atribuição de significado (de Rose & Bortoloti, 2007). O paradigma apresenta a operacionalização de relações de significado. Classes de

equivalência são compostas por estímulos sem semelhança física, que apresentam uma relação condicional entre si estabelecida a partir de um treino indireto e na qual observa-se a emergência de três propriedades: simetria, reflexividade e transitividade. Quando, a partir do ensino da relação entre os estímulos A1 e B1, for observada a emergência da B1 e A1, sem a necessidade de um treino direto prévio, pode-se dizer que foi demonstrada a relação de simetria. Quando, a partir da relação entre estímulos A1 e B1 e B1 e C1 e sem a necessidade de um treino direto prévio, for observada a emergência de A1 e C1, assim como C1 e A1, pode se dizer que foi demonstrada relação de transitividade e transitividade simétrica (em conjunto, chamadas de equivalência). E se for observada a emergência de A1 na presença do próprio A1 e B1 na presença do próprio B1, pode-se dizer que foi observada a reflexividade (Sidman & Talby, 1982).

Outra característica que pode ser observada nas relações de equivalência de estímulos é a possibilidade de transferência de função entre estímulos de uma mesma classe de equivalência. Por exemplo, se um estímulo membro da classe tem uma função reforçadora, é possível que um estímulo neutro dentro dessa classe adquira essa mesma função, sem a necessidade de um treino direto (de Rose & Bortoloti, 2007). Barnes-Holmes et al. (2000), a partir de um treino de equivalência de estímulos, ensinaram sujeitos a relacionar as palavras "câncer" (palavra com valência negativa) e "feriado" (palavra com valência positiva), respectivamente com as pseudopalavras VEK e ZID. Os participantes também foram ensinados a relacionar as pseudopalavras com duas amostras de refrigerante de cola da mesma marca, denominados marca x e marca y. Depois foi testado se a relação entre as palavras "câncer" e "feriado" com as respectivas amostras de refrigerante iria emergir. Ao serem solicitados a dar notas de quão agradável eram os refrigerantes, 16 dos 27 participantes que formaram classes de equivalência deram notas mais altas para o refrigerante de cola que fazia parte da mesma classe de equivalência que a palavra "feriado". Os refrigerantes de cola

passaram a fazer parte da mesma classe de equivalência que as palavras. Mas de onde veio a preferência? A hipótese é que tenha havido uma transferência de função e os refrigerantes tenham adquirido as características de valência das palavras “feriado” e “câncer”, que culturalmente podem evocar sentimentos bons e ruins.

Além da relação de equivalência já proposta pelo paradigma de equivalência de estímulos, a Relational Frame Theory (RFT) descreve outras relações entre estímulos. Por exemplo, é possível supor que os refrigerantes mencionados na pesquisa anterior, após terem adquirido as características de valência de palavras que evocam sentimentos bons e ruins, tenham passado a fazer parte de uma relação de oposição. Outras relações também já foram descritas. Alguns exemplos são a relação de comparação ("meninos são mais fortes que meninas"), a relação de hierarquia ("mulheres são seres humanos"), a relação de causalidade ("se você não me obedecer irá ficar de castigo") e a relação dêitica, que descreve a tomada de perspectiva ("se eu fosse você, não iria com essa roupa"). (Hayes et al., 2001; Perez et.al 2013).

O potencial do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo de atribuição de significado fez com que ele passasse a ser utilizado para entender as variáveis que podem afetar a transformação de função de estímulos socialmente significativos. Por exemplo, Mizael et al. (2016) utilizou o paradigma para investigar se seria possível fazer com que faces de pessoas negras e um símbolo positivo passassem a fazer parte da mesma classe de equivalência para crianças com viés racial negativo. Primeiro, foram selecionados para o experimento os participantes que apresentavam viés de preconceito racial. Uma das classes foi estabelecida a partir do treino para estabelecer relações entre faces negras e estímulos abstratos e dos estímulos abstratos com sinais de positivo, enquanto a outra classe estabelecida era a relação entre o sinal negativo e estímulos neutros. Na fase de teste foi verificado que todos os participantes formaram as classes de equivalência, ou seja, passaram a

relacionar os estímulos positivos com as faces de pessoas negras. Quando faces brancas foram incluídas como terceira opção de escolha, no chamado Teste AC3, nove das 13 crianças continuaram escolhendo as faces negras diante do símbolo de positivo.

O estudo de Mizael et al. (2016) contou com um pós-teste. Foi utilizado o Procedimento de Avaliação Relacional Implícita (IRAP), que possibilita avaliar as relações entre estímulos por meio da latência da resposta. É esperado que os participantes respondam mais rápido nas tentativas consistentes com aprendizagens anteriores ao experimento. Em uma tentativa típica, era apresentado na tela do computador uma face negra ou branca acompanhada de uma imagem positiva ou negativa e as alternativas de resposta "sim" e "não". As imagens apresentadas variavam entre quatro tipos diferentes de imagens positivas (uma criança com sorvete, animais brincando com uma bola, chocolates e três filhotes de cachorro) e quatro tipos de imagens classificadas como negativas (frutas podres, uma criança no dentista com expressão de dor, uma cobra dando bote e um cachorro bravo). Os participantes recebiam a instrução que iriam jogar um jogo e deveriam seguir uma regra, que diria se as relações apresentadas seriam certas ou erradas. Nos chamados blocos consistentes, as relações branco-positivo e negro-negativo eram consideradas corretas, enquanto nos blocos chamados de inconsistentes, as relações branco-negativo e negro-positivo eram consideradas corretas. O participante recebia *feedback* de acertos e erros. Os resultados obtidos com o IRAP não foram estatisticamente significativos, ou seja, não foram observadas diferenças significativas na latência das respostas nos blocos consistentes e inconsistentes, o poderia ser considerado como evidência de que ao final do procedimento, não houve viés positivo nem negativo para as faces brancas ou negras.

A partir do mesmo raciocínio de Mizael et al. (2016), Freitas (2019) aplicou o paradigma de equivalência de estímulos com o objetivo de diminuir o viés de culpabilização de vítimas de estupro. O estudo contou com dois experimentos. Participaram do primeiro

experimento 243 participantes - 178 mulheres, 63 homens e uma pessoa do gênero fluido. A partir das variáveis encontradas por Ryan (1998) que aumentavam a probabilidade da vítima de estupro ser responsabilizada pela agressão sofrida, relatos de vítimas de estupro encontrados em grupos de apoio e vinhetas encontradas em uma revisão de literatura, Freitas formulou pequenas histórias fictícias (vinhetas) que apresentavam um caso de estupro estereotípico, um caso de sexo consensual e quatro casos de estupro que apresentavam características que poderiam levar a culpabilização da vítima (estupro velado). Nessas quatro vinhetas de estupro velado, as variáveis exploradas foram: 1) ter relacionamento com o abusador, o convidar para sua casa e consentir com algum nível de contato físico; 2) estar alcoolizada, apresentar comportamento "sexualmente provocativo" ou "moralmente inadequado", conhecer o agressor; 3) consentir com algum nível de contato físico, mas depois retirar o consentimento, ser casada com o agressor, não resistir verbalmente; 4) usar roupas curtas e não resistir verbal e fisicamente. Os participantes avaliaram, por meio de uma escala Likert (Escala de Atribuição de Responsabilidade), quem era responsável pelo estupro. Os participantes responderam também à uma Escala de mitos sobre estupro, chamada de *Acceptance of Modern Myths About Sexual Aggression Scale* (AMMSA) (Gerger, et al. 2007). Essa escala contava com 30 itens de escala Likert, em que os participantes deveriam apontar seu grau de concordância com assertivas sobre mitos comuns acerca de estupro. Quanto maior o score nessa escala, mais o participante concorda com mitos modernos sobre estupro. Os resultados obtidos foram que todos os participantes atribuíram total responsabilidade ao homem somente na vinheta de estupro estereotípico; foi observada uma correlação positiva entre culpabilizar a vítima e alto score na AMMSA; e também, os resultados do AMMSA demonstraram que homens culpabilizaram mais vítimas que as mulheres.

O segundo experimento de Freitas (2019) contou com 37 estudantes universitários do gênero masculino. Em primeiro lugar os participantes responderam a um formulário de

familiaridade com nomes. Uma vez que nomes de pessoas seriam usados no procedimento, o objetivo era evitar que os participantes respondessem a partir de possíveis experiências prévias caso o nome fosse de uma pessoa conhecida. Em seguida, as mesmas vinhetas usadas no Estudo 1 foram apresentadas e os participantes responderam a Escala de Atribuição de Responsabilidade. Logo em seguida responderam ao AMMSA e ao IRAP. No estudo de Freitas (2019) a experimentadora apresentava uma breve história de estupro estereotípico e outra de estupro velado e, em seguida, instruía os participantes a responderem, em um primeiro bloco, como se a mulher da situação de estupro estereotípico fosse a vítima e a de estupro velado, a responsável (bloco consistente), e no bloco seguinte, o inverso (bloco inconsistente), alternando novamente até o final dos blocos de treino. Os participantes que apresentassem algum grau de culpabilização da vítima na Escala de Atribuição de Responsabilidade seguiam para a fase de treino e teste de relações de equivalência. Essa etapa foi dividida em dois dias.

No primeiro dia do procedimento de Freitas (2019), os participantes foram ensinados a relacionar a palavra responsável (estímulo A1) com a pseudo palavra "dunase" (estímulo B1) e a palavra vítima (estímulo A2) com a pseudo palavra e "lotepe" (estímulo e B2). Em seguida realizaram um teste de simetria BA. Depois, foram submetidos a um treino BC, quando foram ensinados a relacionar o estímulo B1 com a pseudo palavra fidobe (estímulo C1) e o estímulo B2 com o nome da mulher (estímulo C2) que foi mais culpabilizada pelo participante na Escala de Atribuição de Responsabilidade, seguido do teste de simetria BC. Foi realizado, então, um bloco de treino misto ABBC com *feedback*, em que todas as relações de linha de base eram rerepresentadas, seguido de um bloco de teste idêntico, sem *feedback*. No segundo dia os participantes repetiram os blocos de treino e teste misto ABBC e realizaram os testes para verificar a emergência das relações AC e CA, ou seja, as relações entre a palavra vítima e os nomes das mulheres presentes nas vinhetas de estupro velado. Por

fim realizaram mais um teste AC e CA em que foi incluída uma terceira opção de estímulo de comparação, que consistia no nome do homem presente na vinheta de estupro velado em que a vítima foi mais culpabilizada pelo participante (teste AC3). Essa terceira comparação consistia em testar se a relação entre a palavra responsável (A1) e o nome dos homens presentes na mesma vinheta (C3) iria emergir. Diferente do treino, nos testes não houve *feedback*. Por último, os participantes realizavam o pós-teste, que consistia em responder novamente a AMMSA, a Escala de Atribuição de Responsabilidade e ao IRAP. Os resultados obtidos foram que 14 dos 37 participantes atribuíram alguma responsabilidade a mulher nas vinhetas de estupro velado. Dos 14 participantes, apenas 11 fizeram a etapa de formação das classes de equivalência e um deles não compareceu ao segundo dia de coleta. Oito desses 10 participantes formaram classes de equivalência e no pós-teste, seis dos 10 participantes deixaram de culpabilizar a vítima na Escala de Atribuição de Responsabilidade, cujo nome fazia parte de uma das classes de equivalência. Os resultados não apontaram diferença estatística entre os resultados de pré e pós-teste no IRAP.

O paradigma de equivalência de estímulos vem se consolidando como ferramenta de reorganização de classes de estímulos socialmente relevantes. Apesar de muitos temas já terem sido estudados, apenas Freitas (2019) o utilizou para compreender melhor o comportamento de culpabilizar vítimas de estupro. Os resultados apontados por Freitas foram promissores, mas observou-se que, mesmo sendo dividido em dois dias de aplicação, o procedimento era longo. O presente trabalho tem o objetivo de replicar o estudo de Freitas (2019) avaliando se o ensino de classes de estímulos equivalentes entre nomes de mulheres e a palavra vítima pode diminuir o comportamento de culpabilizar vítimas de estupro. Por não ter sido observada diferença estatisticamente significativa, a fim de diminuir o tamanho do procedimento e contribuir para a ciência por meio de replicação sistemática, optou-se pela

retirada do IRAP das medidas utilizadas no pré e pós teste. Dessa forma, objetivou-se produzir mais dados acerca do fenômeno, utilizando um procedimento mais econômico.

Método

Participantes

O estudo contou com 50 estudantes universitários convidados por anúncios em redes sociais e convites em sala de aula, que relataram não conhecer, pelo menos, seis nomes de cada gênero da escala de familiaridade com os nomes (ver Situação Experimental). Como no estudo de Freitas (2019), apenas participaram do estudo sujeitos do gênero masculino para evitar o possível sofrimento que participantes mulheres poderiam ter ao ler as vinhetas. Metade dos estudantes passaram pelo procedimento com uma experimentadora do gênero feminino e outra metade, com dois experimentadores do gênero masculino. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética (CAE: 65045822.7.0000.5540)

Situação Experimental

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1) e o Formulário de familiaridade com nomes foram preenchidos de forma online, por meio do envio de um link. Os participantes selecionados foram convidados a participar presencialmente de duas sessões de coleta de dados, com duração aproximada de 50 minutos cada, de forma individual. As sessões ocorreram de forma presencial, no Laboratório Integrado de Pós-Graduação e Pesquisa Experimental em Psicologia com Humanos, localizado na Universidade de Brasília.

Todas as tarefas foram realizadas em um computador. O Software MTS III foi responsável pela apresentação e registro de dados das tarefas de MTS. O formulário de familiaridade com nomes, Escala de Aceitação de Mitos Modernos sobre Violência Sexual (AMMSA) e Escala de Atribuição de Responsabilidade foram apresentados por meio do

Google forms, uma ferramenta gratuita que possibilita a criação e o preenchimento de formulários.

Formulário de Familiaridade com Nomes

O formulário de familiaridade com nomes (Freitas, 2019) (Anexo 1) consistiu em uma lista de 25 nomes incomuns femininos e 25 masculinos. Os participantes eram instruídos a assinalar (a) conheço alguém com esse nome ou (b) não conheço alguém com esse nome.

Questionário sociodemográfico

Para obter informações sobre os participantes, foi aplicado um questionário com perguntas sobre curso, idade, orientação sexual, gênero e questões sociodemográficas. (Apêndice 2)

Escala de Atribuição de Responsabilidade

Adaptada por Freitas (2019), o instrumento (Anexo 2) apresenta seis vinhetas que descrevem situações de estupro e de sexo consensual, seguidas de uma única sentença: "Indique quem foi o responsável pelo acontecimento". É possível escolher entre sete pontos dentro de uma escala *Likert*, sendo que o primeiro da esquerda atribui total responsabilidade ao homem e o último da direita atribui total responsabilidade à mulher. Qualquer ponto que não seja o primeiro da esquerda é considerado viés de culpabilização da vítima. Em seguida, os participantes eram instruídos a explicar, para cada história, em poucas palavras porque indicavam aquele ponto na Escala de Atribuição de Responsabilidade.

Vinhetas

Foram utilizadas seis vinhetas (Anexo 2). Essas vinhetas apresentam histórias produzidas por Freitas (2019), que descrevem cinco situações de estupro e uma de sexo consensual. Foram utilizados seis nomes de cada gênero (dois em cada vinheta) que não fossem conhecidos pelo participante, (avaliado por meio do Formulário de familiaridade com

nomes). Essas histórias foram produzidas por Freitas baseadas em relatos reais e utilizando variáveis que podem aumentar ou diminuir a culpabilização da vítima de acordo com a literatura. Quatro eram sobre estupro velado (vinhetas 1, 3, 5 e 6) ou seja, casos em que o senso comum nem sempre identifica como estupro, uma sobre estupro estereotípico (Vinheta 2) e uma sobre uma relação de sexo consensual (Vinheta 4). As principais características da Vinheta 1 eram haver uma relação entre a vítima e o agressor, a vítima consentir com algum tipo de contato físico, porém não consentir com a relação sexual e ter feito um convite para que o agressor fosse até sua casa; a Vinheta 2 apresentava um caso de estupro estereotípico; as características eram o agressor ser desconhecido, usar força física e proferir ameaças contra a vítima, a vítima apresentar um comportamento considerado moralmente adequado e tentar se defender verbal e fisicamente; na Vinheta 3 as características apresentadas eram a vítima ser vizinha do agressor, ir para uma festa, dançar de forma considerada provocante e estar alcoolizada; a Vinheta 4 apresenta uma relação consensual em que o homem e a mulher se conhecem em uma festa e decidem se relacionar sexualmente; as características da Vinheta 5 são a vítima e o agressor serem casados e não haver resistência verbal da vítima; e da Vinheta 6 as características eram a vítima usar roupas curtas e ficar imóvel.

Escala de Aceitação de Mitos Modernos sobre Violência Sexual (AMMSA)

A AMMSA (Gerger et al. 2007) é um instrumento, em formato de escalas do tipo *Likert* de sete pontos, que contém 30 mitos sobre violência sexual. A escala varia de 1 "discordo totalmente" até 7 "concordo totalmente" e quanto maior a pontuação, maior a concordância com os mitos. A versão utilizada neste trabalho foi traduzida por Freitas (2019) e o instrumento se encontra no Anexo 3.

Estímulos usados nas tarefas de Matching-to-Sample (MTS)

Nas tarefas de MTS o estímulo A1 correspondia à palavra “responsável” e o estímulo A2 à palavra “vítima”. B1, B2 e C1 eram, respectivamente, as pseudopalavras "dunase", "lotepe" e "fidobe", idênticas às usadas em Freitas (2019). O estímulo C2 variou para cada participante: nome da mulher mais culpabilizada pelo participante na vinheta. C3 apenas era apresentado na fase de teste AC3, sob o mesmo critério de C2, o nome do homem presente na vinheta em que a mulher foi mais culpabilizada. Estímulos distratores: "vicage" (A4), "burime" (B4) e "falite" (C4) - idênticos a Freitas (2019) - não faziam parte de nenhuma classe de estímulos, mas eram apresentados para que houvesse sempre três estímulos de comparação nas tarefas de MTS.

Tabela 1.

Descrição dos estímulos utilizados no MTS

Conjunto de estímulos	Classe			
	1	2	3	Distrator
A	responsável	vítima		vicage
B	dunase	lotepe		burime
C	fidobe	nome da mulher presente na vinheta de estupro velado mais culpabilizada pelo participante	nome do homem que foi apresentado na mesma vinheta de estupro velado	falite

Procedimento

O experimento foi anunciado nas redes sociais. As pessoas que decidiam participar da pesquisa recebiam um link com o TCLE e o formulário de familiaridade com nomes. A pesquisadora entrava em contato para marcar um horário de realização da pesquisa com aqueles participantes que relataram não conhecer, pelo menos, seis dos nomes de cada gênero apresentados na Escala de familiaridade de nomes, o suficiente para compor as vinhetas. Os

participantes que não foram selecionados, após preencher o formulário de familiaridade com nomes recebiam uma mensagem de agradecimento pela participação com uma breve explicação sobre a pesquisa e encerramento do procedimento.

No início das sessões experimentais (presenciais), os participantes eram convidados a responder o Questionário Sociodemográfico. Em seguida, realizavam o pré-teste e por último, responderam novamente a Escala de Atribuição de Responsabilidade e ao AMMSA (pós-teste)

Pré-teste

O pré-teste consistia em responder ao AMMSA, a Escala de Atribuição de Responsabilidade. Os participantes que apresentaram viés de culpabilização (atribuir alguma responsabilidade à vítima) passaram para a próxima etapa. Os que não apresentaram, tinham sua participação encerrada. A/o experimental(a) agradecia sua participação, explicava de forma breve a pesquisa e se colocava à disposição para eventuais esclarecimentos.

Treinos de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência

Essa etapa era dividida em dois dias nos quais os participantes realizavam tarefas de MTS, com o objetivo de estabelecer duas classes de equivalência compostas por três estímulos cada. No primeiro dia foram realizados os Blocos 1, 2, 3, 4, 5 e 6 e no segundo dia eram repetidos os Blocos 5 e 6 e o participante realizava também os Blocos 7 e 8. Os blocos serão detalhados posteriormente.

Nas tarefas de MTS, o estímulo modelo era apresentado no centro da tela e três estímulos de comparação eram apresentados na parte inferior da tela, à direita, centro e esquerda. Os participantes deveriam clicar na palavra apresentada na parte superior da tela e, ao fazer isso, três estímulos de comparação (um estímulo da Classe 1, um estímulo da Classe 2 e um estímulo distrator) apareciam e o participante devia escolher um deles por meio de um

click com o mouse. Nos blocos de treino, a escolha do estímulo de comparação estabelecido experimentalmente como correto produzia estrelinhas, no centro da tela, e também um som indicando acerto, por um segundo, seguido da apresentação da próxima tentativa. Caso o estímulo de comparação escolhido estivesse errado de acordo com o estabelecido experimentalmente, o participante via uma tela escura, por um segundo, seguida da próxima tentativa. Nos blocos de teste, o participante não recebia *feedback* sobre acertos ou erros nas tentativas. O critério de acertos era de no mínimo 11 acertos para os blocos de 12 tentativas e no mínimo 22 acertos para os blocos de 24 tentativas. Na fase de treino o participante tinha a chance de repetir cada bloco até três vezes. Caso o critério não fosse atingido em uma dessas tentativas, o procedimento era encerrado. Caso o critério não fosse atingido na fase de teste em até quatro tentativas, o procedimento era encerrado. O critério de encerramento foi definido após a participação do primeiro participante da pesquisa com o objetivo de limitar o tempo do procedimento.

Bloco 1: Treino AB. Este bloco era composto por 12 tentativas, no qual eram ensinadas, por meio de tentativas de MTS, as relações entre as palavras "responsável" (A1) com "dunase" (B1) e "lotepe" (B2) com "vítima" (A2). Em metade das tentativas A1 era o estímulo modelo e na outra metade A2. As relações eram apresentadas de forma randomizada. O bloco era realizado duas vezes, ainda que o participante atingisse o critério de aprendizagem no primeiro bloco.

Bloco 2: Teste de simetria BA. Era composto de 12 tentativas de teste de MTS. O participante deveria escolher A1 na presença de B1 e A2 na presença de B2. Em metade das tentativas B1 era o estímulo modelo e na outra metade B2. As relações eram apresentadas de forma randomizada.

Bloco 3: Treino BC. Este bloco era idêntico ao Bloco 1, porém, eram treinadas as relações BC. O participante aprendia a escolher C2 (nome de mulher presente em vinheta de

estupro velado) diante do estímulo B2 e escolher C1 (pseudopalavra fidobe) na presença de estímulo B1.

Bloco 4: Teste CB. Esse bloco era idêntico ao Bloco 2, porém eram testadas as relações CB.

Bloco 5: Treino AB/BC. O bloco era composto pelo treino das relações AB e BC e contava com 24 tentativas - metade de cada relação - apresentadas de forma randomizada.

Bloco 6: Teste AB/BC. Era feito um teste de revisão de linha de base, que se diferenciava do Bloco 5 apenas pela ausência de *feedback*.

Bloco 7. Teste AC/CA. Neste bloco eram testadas as relações de equivalência AC e CA. O bloco era composto por 24 tentativas de testes de MTS e era idêntico ao descrito no Bloco 2, apenas se diferenciando quanto às relações apresentadas e ao número de tentativas.

Bloco 8. Teste AC3. Este bloco era idêntico ao Bloco 7. A diferença consistia na substituição do estímulo C1 pelo estímulo C3 (nomes dos homens presentes nas vinhetas de estupro velado passarão). O teste AC3 foi programado com 24 tentativas, porém uma tentativa do teste precisou ser excluída das análises por um erro na programação que possibilitava duas respostas corretas. Metade das tentativas dessa fase tinham os estímulos A1 e A2 aparecendo como modelo de forma alternada. Os estímulos C2, C3 e um estímulo distrator eram os estímulos de comparação. Era considerado como resposta correta a seleção de C3 diante de A1 e C2 diante de A2. Na outra metade, os estímulos C2 e C3 eram os estímulos modelo, alternadamente, enquanto A1, A2 e um estímulo distrator eram os estímulos de comparação. Nesse caso, era considerado como resposta correta a seleção de A1 diante de C3 e A2 diante de C2.

Pós-testes

Após finalizar os procedimentos de formação de classes de equivalência, os participantes respondiam novamente a AMMSA e respondiam a Escala de Atribuição de Responsabilidade. Ao final do procedimento a/o experimentador/a agradecia o participante pela participação, explicava os objetivos do procedimento e esclarecia eventuais dúvidas.

Resultados

Nesta seção de resultados será apresentado o desempenho dos participantes no pré e pós de teste da escala AMMSA, o número de blocos realizados no procedimento de pareamento ao modelo e também análises quantitativas e qualitativas das respostas dos participantes em relação a responsabilização das vítimas nas vinhetas de estupro velado no pré e pós teste. Para todas as análises estatísticas subsequentes foi adotado um nível de significância de 0,05 ($P < 0,05$).

A Tabela 1 apresenta os resultados dos participantes na atribuição de responsabilidade à vítima e o escore no AMMSA, de acordo com o gênero dos experimentadores da pesquisa, (para os dados individuais dos participantes checar o Anexo 4). Dos 50 participantes, 25 participaram da pesquisa com pesquisador homem (grupo H) e 25 com pesquisadora mulher (grupo M). Um número maior de participantes do grupo H (32%) atribuiu responsabilidade a pelo menos uma vítima das vinhetas, comparados com o Grupo M, no qual 20% dos participantes atribuíram responsabilidade à vítima de alguma vinheta. Essa diferença entre os grupos M e H não atingiu significância estatística no teste qui-quadrado, $\chi^2 = 0,94$, $p = 0,33$ $\phi = 0,14$. No entanto, o coeficiente Phi de 0,14 indica que o efeito observado representa uma associação entre as variáveis, ainda que fraca.

A média de escore do grupo M no AMMSA foi 2,31 e desvio padrão 0,77 e no grupo H foi de 2,37 e desvio padrão 0,61. O teste de Kolmogorov-Smirnov foi utilizado para a análise da normalidade dos dados do AMMSA. Neste teste, valores-p maiores que 0,05

indicam que os dados não diferem de uma distribuição normal. Como o resultado encontrado foi de 0,2 e a amostra é maior que 30, foi utilizado o teste t de Welch com bootstrap para avaliar a significância da diferença entre os escores dos grupos M e H. O resultado encontrado foi de $t(45,62) = 0,32$, $p = 0,75$, $d = 0,09$. O valor $p > 0,05$ indica que a diferença entre os resultados não é significativa. O tamanho do efeito, medido pelo d de Cohen de $d = 0,09$, indica um efeito muito pequeno na magnitude da diferença entre as médias apresentadas. Um procedimento de bootstrap (1.000 amostras) indicou resultados consistentes com o teste t de Welch, MDiferença = 0,062, IC BCa 95% [-0,32, 0,44].

Tabela 2.

Porcentagem de atribuição de responsabilidade nas Escala de Atribuição de Responsabilidade e Escore no AMMSA de acordo com o gênero do experimentador

Experimentador(a)	participante(n)	atribuição de responsabilidade	Escore no AMMSA 1-7
Mulher	25	5/25 - 20%	2,31
Homem	25	8/25 - 32%	2,37

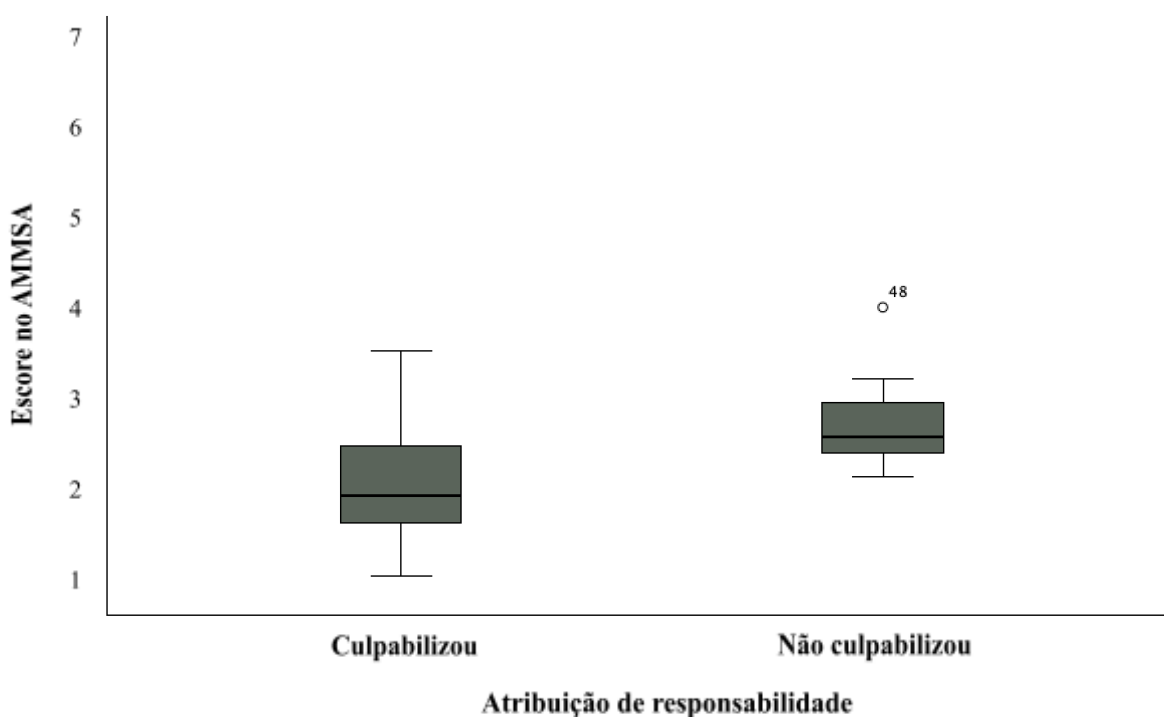
No total, 13 participantes atribuíram alguma responsabilidade às mulheres nas vinhetas de estupro velado e foram chamados de grupo C (culpabilizou) e 37 não atribuíram nenhuma responsabilidade e foram chamados de grupo NC (não culpabilizou). A Figura 1 apresenta as distribuições dos escores no AMMSA para ambos os grupos. Para o grupo C a média foi de 2,81 com desvio padrão de 0,53 e no NC foi de 2,18 com desvio padrão de 0,67 (o círculo aberto representa o escore do AMMSA do participante 48, que foi um valor aberrante). Esses resultados indicam que a atribuição de responsabilidade foi significativamente maior para o grupo C ($t(26,22) = 3,41$, $p = 0,002$, $d = 0,99$). O tamanho do efeito, medido pelo d de Cohen de $d = 0,99$, indica um efeito grande na magnitude da

diferença entre as médias apresentadas. Um procedimento de bootstrap (1.000 amostras) indicou resultados consistentes com o teste t de Welch, MDiferença = 0,063, IC BCa 95% [-1,03, -2,80].

Os 13 participantes que culpabilizaram a vítima em alguma vinheta de estupro velado passaram pelo treino de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência. A Tabela 3 apresenta a quantidade de blocos que os participantes foram expostos até que atingissem o critério de aprendizagem. O P37 e o P25 tiveram sua participação interrompida na fase de treino BC e o participante P4 na fase de teste de simetria por não atingirem o critério de aprendizagem.

Figura 1.

Score no AMMSA dos participantes do grupo NC e do grupo C



Nas últimas três colunas são apresentadas as porcentagens de acertos nos testes de equivalência. Todos os participantes aprenderam as relações AB após, no mínimo, uma

repetição. O participante P1 fez parte da pesquisa antes das alterações que delimitaram o número de tentativas em cada bloco, por isso o número de tentativas excedeu o limite estabelecido. Essa decisão foi tomada para que o tempo de cada sessão não ultrapassasse uma hora. Dez participantes atingiram o critério de aprendizagem no teste de simetria e seguiram com a participação na pesquisa, os três que não atingiram o critério mínimo nessa etapa encerraram sua participação.

Tabela 3.

Desempenho de cada participante no procedimento MTS

participante	Dia 1						Dia 2				
	Treino AB	Teste BA	Treino BC	Teste CB	Treino Misto ABBC	Revisão da LB	Treino misto ABBC	Revisão de LB	Teste ACCA	Teste AC3	
P1	16	1	3	1	1	1	2	1	54,16%	-	86,95%
P36	6	1	4	1	1	1	1	1	95,83%	95,83%	100%
P38	6	1	4	1	1	1	1	1	100%	100%	100%
P17	4	1	2	1	3	1	2	1	79,16%	-	43,48%
P41	4	1	4	1	1	1	2	1	95,83%	100%	34,78%
P22	6	1	2	1	1	1	1	1	100%	91,66%	100%
P23	4	1	4	1	1	1	1	1	100%	100%	100%
P13	4	1	2	1	1	1	3	1	83,33%	-	78,26%
P20	4	1	4	1	1	1	1	1	100%	100%	100%
P48	4	1	4	1	1	1	1	1	100%	100%	100%
P37	4	1	6								
P25	2	1	6								
P4	6	1									

Dos 13 participantes submetidos ao treino de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência três finalizaram a participação no primeiro dia. P4 teve sua participação interrompida após não atingir o critério estabelecido no teste de simetria BA, o P25 e o P37 tiveram sua participação interrompida após não atingir o critério estabelecido no Treino BC.

Dos dez participantes que realizaram o teste AC/CA, sete atingiram o critério, o que indica formação de classe de equivalência. Conforme apresentado na seção de Método, por um erro na programação no Teste AC3, o estímulo C1, treinado na fase anterior, foi apresentado junto com o estímulo C3 em uma das tentativas em que o estímulo modelo era A1, ou seja, diante da palavra responsável, o participante tinha opção de escolher entre um estímulo distrator, o nome do homem presente na vinheta e a pseudopalavra treinada anteriormente. Todos os participantes que formaram classe de equivalência no teste ACCA escolheram a pseudopalavra nessa mesma situação no teste AC3. Essa tentativa foi excluída das análises. Dessa forma, considerou-se o teste com 23 tentativas. Seis participantes (P36, P38, P22, P23, P20 e P48) atingiram o critério de acertos no teste AC3, o que significa que acertaram no mínimo 21 das 23 tentativas.

A Tabela 4 apresenta os dados de pré e pós teste da Escala de Atribuição de Responsabilidade. As células pintadas de cinza representam as vinhetas em que a mulher foi responsabilizada e as informações em negrito representam a vinheta que continha os nomes que foram utilizados como estímulos nos treinos de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência. Por um erro de programação o P41 não respondeu ao pós-teste. Dos nove participantes que responderam ao pós-teste, sete deixaram de culpabilizar a vítima cujo nome estava presente no teste de relações de simetria e equivalência, porém quatro deles passaram a culpabilizar a vítima em vinhetas nas quais não haviam culpabilizado no pré-teste. O participante P48, apesar de não deixar de culpabilizar a vítima que teve o nome treinado, aumentou o nível de responsabilidade do homem na escala Likert passando de quatro para dois (Ver Figura 2). Três dos quatro participantes que realizaram a pesquisa com a pesquisadora mulher e dois dos cinco participantes que realizaram a pesquisa com o pesquisador homem culpabilizaram outras vítimas no pós teste.

A vinheta em que a vítima foi mais culpabilizada no pré e no pós teste foi a primeira, que seguia as seguintes características: a vítima ter relacionamento com o agressor, o convidar para a sua casa e consentir no contato físico inicial. As respostas discursivas foram analisadas e separadas em categorias, que estão sumarizadas na Tabela 5. A Figura 2 apresenta a comparação dos escores da escala Likert no pré e pós teste dos participantes que realizaram o procedimento de treino de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência. A escala variava de um a sete, sendo 01 a total responsabilidade do homem presente na vinheta e sete da mulher.

Tabela 4.

Culpabilização por vinheta de estupro velado no pré e pós teste

gênero do exp.	participante	Vinh 1		Vinh 3		Vinh 5		Vinh 6	
		pré-teste	pós-teste	pré-teste	pós-teste	pré-teste	pós-teste	pré-teste	pós-teste
mulher	P36	sim	sim				sim		
	P22	sim	não				sim		sim
	P23							sim	não
	P48	sim	sim		sim				
homem	P1					sim	não		
	P38	sim	sim			sim	não		
	P17	sim	não						
	P41		-		-	sim	-		-
	P13	sim	sim	sim	não		sim		
	P20		sim			sim	não		

nota. As células pintadas de cinza representam as vinhetas em que a mulher foi responsabilizada e as informações em negrito representam a vinheta que continha os nomes que foram utilizados como estímulos nos treinos de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência.

A partir das análises apresentadas na Figura 2 e Tabela 5, observa-se que no Pré-teste cinco dos seis participantes (P22, P36, P17, P13 e P38) que atribuíram responsabilidade à mulher na Vinheta 1 marcaram dois na escala Likert, mas nas respostas discursivas esses participantes descrevem o homem como total ou majoritariamente responsável. Dois dos participantes (P22 e P17) atribuíram responsabilidade à vítima por ter relacionamento com o agressor e quatro (P22, P36, P48 e P38) por ter consentido no começo. Um participante

marcou quatro na Escala de Atribuição de Responsabilidade e descreveu a relação como consensual. No pós teste, cinco participantes (P36, P48, P38, P13 e P20) atribuíram dois na escala responsabilidade na primeira vinheta. Dois participantes (P36 e P48) justificaram essa responsabilidade por ter tido consentimento no início, um (P20) por ela ter convidado o homem para a sua casa, um (P38) respondeu que não houve estupro, mas que o homem foi tóxico e um (P13) respondeu que apesar de não ser consensual, ambos tem responsabilidade. De forma geral, um participante aumentou o nível de responsabilização da vítima, cinco mantiveram o mesmo nível e três diminuíram.

Tabela 5.

Justificativas para culpabilização por vinheta no pré e pós teste

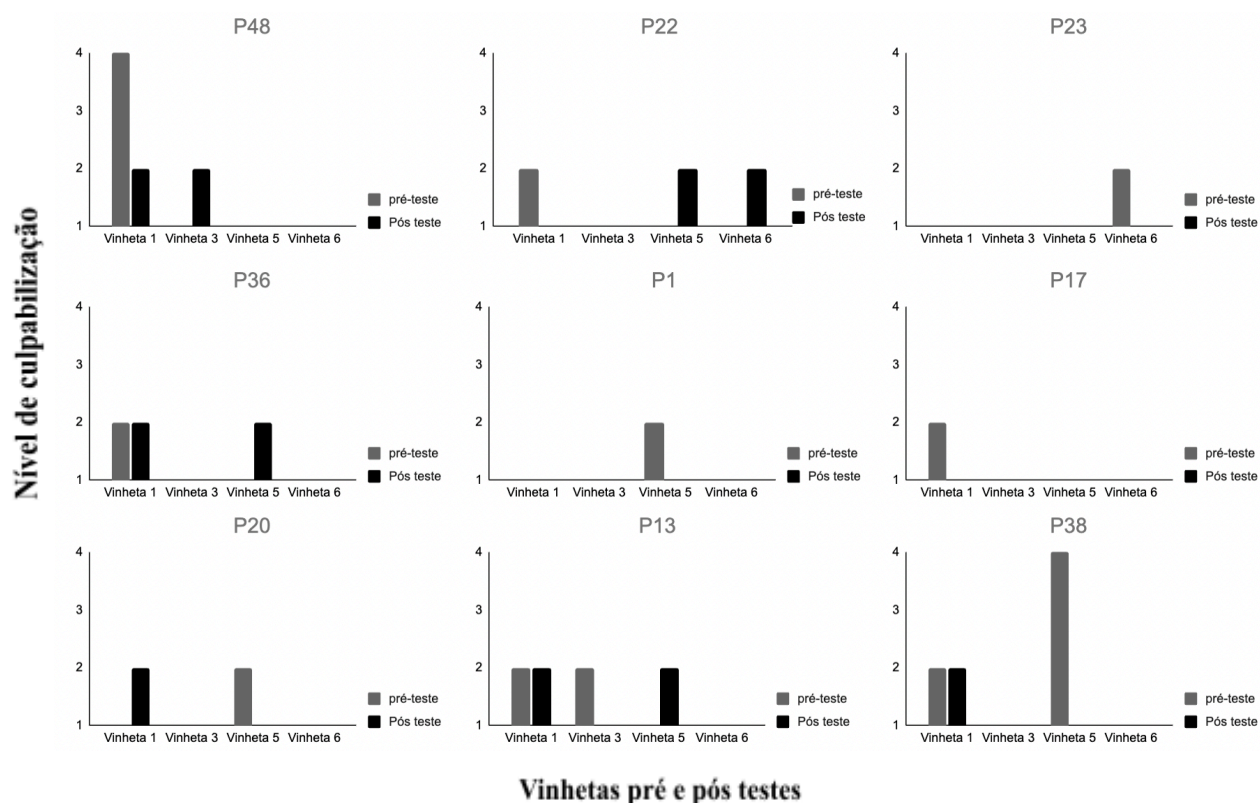
gênero do exp.	participante	Pré-teste				Pós-teste			
		Vinh 1	Vinh 3	Vinh 5	Vinh 6	Vinh 1	Vinh 3	Vinh 5	Vinh 6
mulher	P36	consentiu em ter contato físico				consentiu em ter contato físico		sem justificativa	
	P22	consentiu em ter contato físico - relacionamento com o agressor						casados	não resiste verbal ou fisicamente
	P23				não resiste verbal ou fisicamente				
	P48	consentiu em ter contato físico				consentiu em ter contato físico	sem justificativa		
homem	P1			não resiste verbal ou fisicamente					
	P38	consentiu em ter contato físico		casados		considera consensual			
	P17	tinha relacionamento com o agressor							
	P41			não resiste verbal ou fisicamente					
	P13	consentiu em ter contato físico - convidou ele para sua casa	comportamento sexualmente provocativo				sem justificativa		consentiu em ter contato físico
	P20			não resiste verbal ou fisicamente		convidou ele pra sua casa			

Na terceira vinheta, as características eram a vítima ser vizinha do agressor, ir à uma boate, estar alcoolizada e dançar rebolando. No pré-teste, apenas um participante (P13) responsabilizou a vítima nessa situação. Na resposta discursiva ele justifica que a responsabilidade dela foi quase nula, mas atribui dois na Escala de Atribuição de Responsabilidade por ela ser gentil e acenar para o agressor. P13 não atribuiu

responsabilidade a vítima no pós teste. No pós-teste um participante (P48) atribuiu dois na escala responsabilidade e apenas justificou que a mulher tem uma parcela de culpa.

Figura 2.

Nível de culpabilização por vinheta no pré e pós testes



A quinta vinheta se refere a duas pessoas casadas e a mulher não resiste verbalmente. No pré teste os dois participantes que justificaram a responsabilidade da vítima com a falta de resistência verbal (P20 e P41) atribuíram dois na Escala de Atribuição de Responsabilidade, um participante (P38) marcou quatro na Escala de Atribuição de Responsabilidade e descreveu a relação como consensual por se tratar de um casamento. No pós teste, três participantes (P22, P36 e P13) atribuíram dois na Escala de Atribuição de Responsabilidade, sendo todos participantes diferentes do pré teste. Um deles (P22) atribuiu a responsabilidade por a mulher ser casada com o agressor, outro (P13) por haver consentimento inicial e um

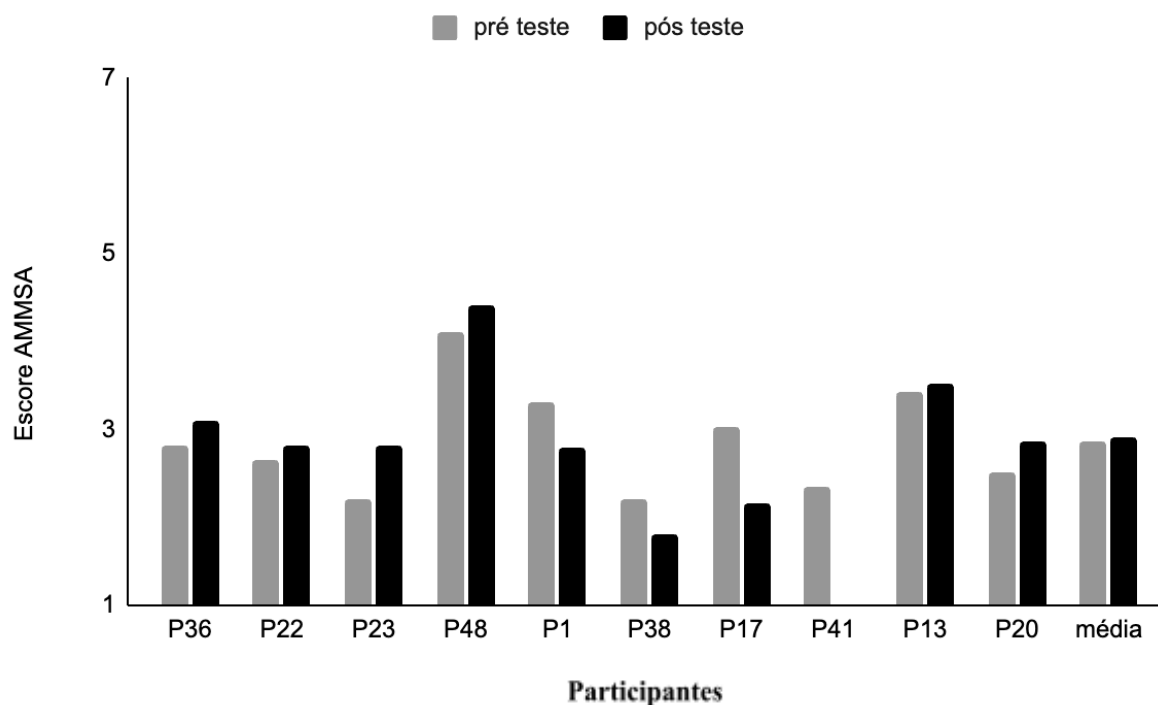
(P36) descreve como uma situação não consensual e lamentável. Dessa forma, três participantes aumentaram o nível de responsabilização, três mantiveram o mesmo nível e três diminuíram.

A vinheta em que a mulher foi menos culpabilizada no pré-teste foi a seis, que descreve uma vítima que utilizava roupas curtas e não resistiu fisicamente. Um participante (P23) atribuiu responsabilidade à mulher nessa vinheta marcando dois na Escala de Atribuição de Responsabilidade, sua justificativa foi ela não ter tentado dizer não para o homem. No pós-teste, um participante (P22) atribuiu dois na Escala de Atribuição de Responsabilidade e justificou que a mulher poderia ter deixado claro verbalmente que não tinha interesse no homem ou mudado seu caminho.

A Figura 3 apresenta os resultados nos escores na escala AMMSA no pré e pós testes para cada participante que passou pelo procedimento de treino de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência, ou seja, que culpou a vítima na primeira avaliação na escala. Diferenças de menos de 0,1 foram consideradas como manutenção. Dos nove participantes que realizaram o pós teste, cinco tiveram um aumento no escore do AMMSA, três tiveram um menor valor no pós teste e um manteve o mesmo escore. Dos cinco participantes que tiveram um aumento no escore, quatro realizaram a pesquisa com a pesquisadora mulher. Pela perda de participantes essa análise foi feita a partir de um teste não paramétrico. A partir do teste de Wilcoxon foi possível analisar que não houve diferença significativa entre os resultados do pré e do pós teste ($Z = -0,06$; $p = 0,95$)

Figura 3.

Escore no AMMSA no pré e pós teste.



Discussão

O objetivo dessa pesquisa foi replicar o estudo de Freitas (2019) para avaliar se o ensino de classes de estímulos equivalentes entre nomes de mulheres e a palavra vítima, assim como o nome de homens e a palavra responsável diminuiria o comportamento de culpabilizar vítimas de estupro. Diferente do estudo de Freitas (2019), o IRAP não foi utilizado nesta pesquisa. Do grupo de participantes que completaram o procedimento experimental, a maior parte apresentou a formação de novas classes de equivalência e deixou de culpabilizar a vítima da vinheta cujo nome foi parte do procedimento de Treinos de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência.

Assim como no estudo de Freitas (2019) a maior parte dos participantes atribuíram mais responsabilidade à vítima na presença de um pesquisador homem. Neste estudo, 32% dos participantes que realizaram a pesquisa com um homem como aplicador atribuíram alguma responsabilidade às vítimas, enquanto 20% dos que participaram da pesquisa com a

pesquisadora mulher atribuíram alguma responsabilidade. A presença do experimentador já se mostrou como uma variável importante em outros experimentos, como o de Costa (2010) que avaliou o efeito do experimentador sobre o comportamento de seguir instruções e observou que a presença do experimentador afetava o comportamento dos participantes. Dessa forma, o balanceamento do gênero do experimentador foi um controle experimental que se confirmou como importante neste tipo de pesquisa.

Não foi observada diferença estatisticamente significativa entre os resultados do AMMSA quando a variável de gênero dos experimentadores foi comparada no pré teste, considerando todos os participantes que iniciaram a pesquisa. Esse resultado também foi observado por Freitas (2019) e pode ser explicado por esse instrumento não ter se mostrado sensível a um viés de desejabilidade social (Gerger et al., 2007). Por outro lado, assim como em Freitas (2019), a diferença entre os resultados no AMMSA do grupo que atribuiu responsabilidade a alguma vítima comparado ao grupo que não atribuiu alguma responsabilidade foi estatisticamente significativa com score maior no primeiro grupo.

Sete dos dez participantes que realizaram o procedimento experimental formaram classe de equivalência e seis atingiram o critério no teste AC3. Os resultados replicaram os resultados de Freitas (2019) em que oito de dez participantes formaram classes de equivalência e sete atingiram o critério no teste AC3. Os resultados também se assemelham com outros da literatura que, assim como o presente estudo, buscaram olhar especificamente para questões de gênero. Picoli (2023) buscou reorganizar classes de equivalência com viés sexista em participantes com viés sexista de gênero. A partir da resposta do Inventário de Sexismo Ambivalente, instrumento em que os participantes respondiam em uma escala likert de 0 à 3 o quanto estavam de acordo com as frases com viés sexista, eram selecionados os participantes. Os participantes foram divididos em um grupo experimental e um grupo controle. Os participantes do grupo experimental aprendiam a relacionar no MTS nomes

femininos às características de estereótipos do gênero masculino e vice-versa . E no IRAP, os participantes recebiam a regra de relacionar os nomes com os estereótipos correspondentes o mais rápido possível e depois o contrário. Ao final, todos os participantes respondiam novamente ao I.S.A e seis semanas depois passavam por um follow-up. Nove dos 16 participantes do grupo experimental aprenderam novas relações. Também foi possível observar diminuição do viés sexista nas medidas de pós teste. O estudo foi uma replicação do procedimento desenhado por Mizael (2016) para modificar viés racial negativo - que também utilizou o paradigma de equivalência de estímulos com objetivo de criar classes de equivalência em que as relações eram diferentes do aprendido socialmente. No caso de Picoli, os estímulos estavam relacionados com um viés sexista e, uma vez que a pesquisa foi realizada na modalidade online, e para avaliar o efeito de se utilizar um procedimento mais econômico, o procedimento de formação das classes de equivalência foi encurtado. A comparação do presente estudo com o de Picoli (2023) mostra que uma porcentagem maior de participantes formou classe de equivalência neste estudo. Essa diferença pode ser explicada pelo fato de que o procedimento do presente estudo ter ocorrido em dois dias de sessão, o que permitiu que se mantivessem todas as etapas do procedimento como em Mizael (2016). O resultado encontrado para a formação de classes de equivalência foi menor que em Mizael (2016) que conseguiu a formação em 100% dos seus participantes, o que pode ter ocorrido pelos participantes da presente pesquisa serem adultos e não crianças como em Mizael (2016). Freitas (2019) aponta que pode ser mais difícil modificar a relação entre estímulos pré experimentais em adultos, devido a uma história de reforçamento mais longa. Esse tipo de resultado também foi observado em Moxon et al. (1993), que por meio de um treino entre profissões reconhecidas como masculinas, estímulos abstratos e nomes conhecidos como femininos buscaram reverter estereótipos de gênero. Na fase de teste foram adicionadas

profissões conhecidas como femininas. Quatro de 9 participantes mulheres e três de 10 participantes formaram novas classes.

Dos nove participantes que realizaram o pós-teste, sete deixaram de responsabilizar a vítima na vinheta que apresentava os nomes que foram utilizados nos procedimentos de formação das classes de equivalência. Um dos que continuou responsabilizando, diminuiu a resposta na escala Likert de quatro para dois. Esse resultado também replica o que foi encontrado em Freitas (2019), em que todos os participantes, exceto um, que formaram classe de equivalência deixaram de responsabilizar a vítima da vinheta treinada no pós teste. Mizael et. al (2016) e Picoli (2023) também observaram modificação no responder dos participantes em outros instrumentos indicativos de viés, após terem passado pelo procedimento de formação de classes de equivalência. Em Mizael et al. houve aumento das respostas positivas à faces negras no Self Assesment Manikin (SAM), instrumento utilizado para aferir os sentimentos dos participantes diante de estímulos, e em Picoli, foi encontrada uma diminuição no score do Inventário de Sexismo Ambivalente (I.S.A), instrumento utilizado para avaliar atitudes sexistas.

Os resultados da presente pesquisa corroboram outros da literatura (Mizael et. al 2016; Freitas, 2019; Rosendo, 2019; Picoli, 2023;) ao demonstrar que o procedimento de formação de classe foi bem-sucedido em modificar as classes de equivalência de estímulos socialmente relevantes. Mas é preciso ter cautela na extrapolação desses resultados, visto que apesar de muitos participantes deixarem de culpabilizar a vítima na vinheta treinada, culpabilizaram outras que o nome não foi treinado. Uma hipótese para que isso tenha ocorrido é que, como apenas um nome foi treinado em relação à palavra vítima, os participantes tenham aprendido por derivação que as outras mulheres não eram vítimas. Dessa forma pode ter ocorrido a emergência de uma relação de oposição (Hayes et al. 2001). Ainda, os participantes podem ter deixado de responsabilizar somente a vítima da vinheta treinada por terem entendido a tarefa

e não necessariamente terem tido uma mudança de atitude. Mizael et. al (2016) aponta que não se pode ser muito otimista sobre a manutenção dos resultados encontrados em seu estudo, pois os participantes, após a pesquisa, voltarão para o mesmo contexto que reforça os vieses raciais. O mesmo pode ser afirmado para a presente pesquisa, pois os participantes voltarão, após o procedimento, para o mesmo contexto que reforça a cultura do estupro.

É possível pensar em procedimentos que aumentem a generalização das respostas treinadas para outros contextos. O fato de apenas um nome ter sido utilizado como estímulo do Conjunto A pode ter diminuído a probabilidade de generalização. Alguns estudos da literatura sobre transferência de função entre estímulos emocionais e abstratos vêm usando diferentes fotos de expressões emocionais como parte de um mesmo conjunto, a fim de que a relação seja estabelecida com a “emoção” e não com uma foto específica (e.g., Aggio, 2021). Picoli (2023) também utilizou esse procedimento, onde o estímulo C1 era composto por quatro nomes conhecidos e Mizael (2016), em que quatro faces negras compunham o estímulo C1 e quatro faces brancas compunham o estímulo C3. Estudos futuros similares ao presente podem avaliar se ampliar o treino com outros nomes produziria a diminuição da culpabilização das vítimas de todas as vinhetas de estupro. Neste caso, ao invés do Conjunto A ser composto apenas de um nome, poderia ser composto do nome de todas as mulheres culpabilizadas nas vinhetas, ou de algumas delas. No último caso, poderia ser medido a generalização para a vinheta que não contou com o nome da vítima dentre os estímulos da classe. Esse tipo de procedimento apresentaria a dificuldade de que não necessariamente os participantes culpabilizarão a vítima em mais de uma vinheta.

Freitas (2019) não encontrou uma diferença estatisticamente significativa entre os resultados de pré e pós teste do IRAP. Por isso, a fim de diminuir o tamanho do procedimento este estudo não utilizou o IRAP. A partir das análises dos resultados de pré e pós teste do AMMSA na presente pesquisa, foi apontada a possibilidade da ausência do IRAP ter sido a

razão da não diminuição nos escores dos participantes. Dos sete participantes que deixaram de responsabilizar a vítima, apenas três tiveram uma diminuição nos escores do AMMSA e, de modo geral, nenhuma diferença foi estatisticamente significativa. Esses resultados foram diferentes dos encontrados em Freitas (2019) em que houve diminuição nos escores do AMMSA para os participantes que deixaram de responsabilizar as vítimas da vinheta treinada. Uma possível hipótese para essa diferença é que o IRAP tenha sido uma dica contextual a mais no estudo de Freitas (2019). Harte et. al (2021) demonstraram que o IRAP poderia ser utilizado como uma ferramenta de treino contextual para a reversão de relações derivadas. O IRAP utilizado no estudo de Freitas (2019) não foi programado com a função de treino de relações, mas é possível que tenha exercido essa função. Estudos futuros poderiam replicar este estudo, modificando o IRAP a partir dos achados encontrados em Harte et. al (2021) para observar se haveria diferença nos resultados do AMMSA encontrados na presente pesquisa.

A partir das respostas discursivas dos participantes, foi feita uma categorização das justificativas para a responsabilização. Foi possível observar que as características mais utilizadas como justificativa foram consentir até certo momento, ter relacionamento com o agressor e não tentar se defender de alguma forma. As características como roupas e comportamento "imoral" foram as que levaram a menor responsabilização da vítima (não foram mencionadas nas respostas discursivas). É possível que algumas pautas do movimento feminista abordadas nos últimos anos como "meu corpo, minhas regras" tenham causado uma mudança de comportamento enfraquecendo o mito relacionado a comportamento moral. Assim como em Freitas (2019), a Vinheta 6, que apresentava um agressor desconhecido da vítima, teve um baixo nível de culpabilização. Esses resultados corroboram outros da literatura, como o de Grubb & Harrower (2008) que apontaram que a característica que colabora para menor responsabilização da vítima é não conhecer o agressor.

A vinheta que mais pessoas atribuíram alguma responsabilidade para a vítima foi a 1, ou seja, a que a vítima tinha relacionamento com o agressor, o convidou para a sua casa e consentiu em ter contato físico. Uma primeira hipótese para isso ter ocorrido é que nessa vinheta havia duas características entre as três que foram mais citadas pelos participantes como justificativa para a culpabilização. Uma sugestão para estudos futuros é que as variáveis sejam apresentadas de maneira isolada. Por outro lado, a Vinheta 5 também apresentava duas variáveis dentre as três mais citadas pelos participantes e mesmo assim não houve tanta responsabilização da vítima quanto a primeira. Uma segunda hipótese para a Vinheta 1 ter tido uma maior responsabilização da vítima é a identificação dos participantes com o personagem da vinheta. Assim como o homem representado na vinheta, todos os participantes do estudo eram universitários. Freitas e Moraes (2019) defendem que os homens podem concordar com mitos sobre estupro como uma forma de diminuir as consequências aversivas de se perceber como possíveis estupradores. É possível supor que o mesmo tenha ocorrido com a identificação entre os participantes e o personagem da Vinheta 1.

Todas as justificativas utilizadas pelos participantes para responsabilizar a vítima, dizem respeito a mitos sobre estupro que podem servir como regras e autorregras para as vítimas. Freitas e Moraes (2019) apontam que certos comportamentos como se defender verbal e fisicamente são esperados de vítimas de estupro. Por outro lado, quando se observa os estereótipos de gênero acerca do comportamento feminino, como sensibilidade e fragilidade (Nery 2012; Picoli 2023) é esperado o oposto. As relações de gênero se tratam, acima de tudo, de relações de poder (Zanello 2018) e as características relacionadas pela comunidade verbal ao gênero feminino perpetuam o estereótipo de uma mulher submissa, reforçando a cultura do estupro. O Responder Relacional Arbitrariamente Aplicável (RRAA) é o comportamento operante de estabelecer relações arbitrárias (Hayes et al., 2001) que pode ser controlado por dicas contextuais que vão além das propriedades físicas de um estímulo,

possibilitando assim o surgimento de relações arbitrárias. Assim como a relação de comparação observada no racismo internalizado em que branco e preto estão em uma mesma moldura relacional de comparação, sendo o primeiro melhor que o outro (Perez 2013; Araujo et. al 2022), o machismo pode ser explicado pela relação de comparação em que mulher é vista como inferior ao homem. E esse comportamento pode ser observado em diversos contextos, como o contexto de culpabilização da vítima, investigado na presente pesquisa.

O procedimento da presente pesquisa se mostrou efetivo na formação de classes de equivalência, ou seja, as relações entre o nome da mulher e a palavra vítima e o nome do homem e a palavra responsável se formaram. Por outro lado, a maioria dos participantes não deixou de culpabilizar ou culpabilizaram outras vítimas cujos nomes não estavam presentes no treino de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência, dado que também foi encontrado em Freitas (2019). Dessa forma, o presente estudo contribui para o desenvolvimento dessa linha de pesquisa ao apresentar uma replicação sistemática do estudo de Freitas e corroborar os resultados obtidos.

Estudos futuros podem investigar parâmetros de treino que possam contribuir para a generalização da relação entre a palavra vítima e todas as mulheres citadas nas vinhetas de estupro. Conforme já pontado, uma possibilidade seria que o nome de todas as mulheres presentes nas vinhetas de estupro faça parte de um mesmo conjunto de estímulos e estejam presentes no procedimento de treino de relações de linha de base e testes de relações de simetria e equivalência. Outra possibilidade seria relacionar a palavra estupro com situações de estupro velado, ao invés de utilizar os nomes das vítimas. Por exemplo "mudou de ideia após consentir" ou "forçou relação com a esposa" com a palavra "estupro", ao invés de o nome do homem e a palavra "responsável"; e em uma outra classe situações de sexo consensual com a palavra "sexo consensual". O objetivo seria observar se, ao aprender a

relação entre as situações mencionadas e a palavra estupro, os participantes parariam de culpabilizar as vítimas das vinhetas, independente da relação com seus nomes.

A diminuição do escore do AMMSA encontrada por Freitas (2019) entre o pré e o pós teste foi um indicativo importante de diminuição da culpabilização de vítimas de estupro; essa diferença não foi encontrada no presente trabalho. Porém, é possível que o IRAP tenha sido um contexto a mais para os participantes. Por outro lado, as pesquisas foram feitas em estados diferentes e em momentos diferentes, adicionando possíveis variáveis confundidoras. Pesquisas futuras poderiam comparar grupos com e sem a presença do IRAP, em um mesmo contexto experimental, para observar se há influência desta etapa do procedimento no resultado do AMMSA.

Freitas e Morais (2019) explicaram a cultura do estupro à luz da Análise do Comportamento. Com entendimento desse e outros fenômenos de relevância social a partir do modelo de seleção por consequências, é possível identificar as variáveis mantenedoras e pensar em tecnologias que colaborem para o combate desses problemas. A partir dessa pesquisa e de vários outros estudos recentes (Neto et al, 2022; Mizael et al, 2022; e.g. Mizael et. al 2016; Freitas 2019; Picoli 2023;), é possível observar que a Análise do Comportamento vem se aproximando cada vez mais de temáticas com relevância social e confirmando o potencial do paradigma de equivalência de estímulos para a maior compreensão e modificação de classes de equivalência envolvendo estereótipos e preconceito. Espera-se que o presente trabalho também possa contribuir para incentivar futuras pesquisas a fim de continuar a explorar o potencial desse tipo de procedimento.

Referências

Aggio, N. M., dos Santos Cardoso, M. A., Zapparoli, H. R., Silveria, M. V., & Cortez, M. D. (2021). Formação de classes de equivalência e transferência de função em adultos com depressão. *Acta Comportamentalia*, 29(4), 155-174.

de Araújo, E. M., da Silva Xavier, K. A., de Souza, L. B., & Vichi, C. (2022). Racismo internalizado: Uma perspectiva analítico-comportamental. *Perspectivas em análise do comportamento*, 13(1), 342-353.

Barnes-Holmes, D., Keane, J., Barnes-Holmes, Y., & Smeetes, P.M. (2000). A derived transfer of emotive functions as a means establishing differential preferences for soft drinks. *The Psychological Record*, 50, 493-511.

Barnes-Holmes, D.; Barnes-Holmes, Y.; Power, P.; Hayden, E.; Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you know what you really believe? Developing the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychologist*, 32(7), 169-177.

Costa, A. K. (2010). O Efeito da Presença do Experimentador sobre o Seguimento de Instruções. [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.]

Freitas, J. C. C. & Morais, A. O. (2019). Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamentalia*. 27(1), 109- 126.

Freitas, J. C. C (2019) *O efeito do ensino de relações de equivalência sobre o comportamento de culpabilizar vítimas de estupro*. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil. [dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos]

Gerger, H., Kley, H., Bohner, G. & Siebler, F. (2007). The Acceptance of Modern Myths About Sexual Aggression Scale: Development and Validation in

German and English. *Aggressive Behavior*. Volume 33, pp. 422–440.

<https://doi.org/10.1002/ab.20195>

Grubb, A. & Harrower, J. (2008). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim.

Aggression and Violent Behavior. 13 396–405.

<https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.06.006>

Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D. & Roche, B. (Orgs.) (2001). Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition. *New York: Plenum Press*.

Harte, C., Barnes-Holmes, D., Moreira, M., de Almeida, J. H., Passarelli, D., & de Rose, J. C. (2021). Exploring a Training IRAP as a single participant context for analyzing reversed derived relations and persistent rule-following. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 115(2), 460-480. <https://doi.org/10.1002/jeab.671>

Mizael, T. M., de Almeida, J. H., Silveira, C. C., & de Rose, J. C. (2016). Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes. *The Psychological Record*. <https://doi.org/10.1007/s40732-016-0185-0>

Marcelino, M. R. & Arantes, A. (2019). Implicações dos experimentos sobre atitudes implícitas para uma análise experimental feminista do comportamento. Em R. Pinheiro & T. Mizael (Orgs.), *Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento* (114-139). *Fortaleza: Imagine Publicações*

Mizael, T. M., & Ridi, C. C. F. (2022). Análise do comportamento aplicada ao autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: Questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(1), 054-068.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.457613>

Moxon, P. D., Keenan, M., & Hine, L. (1993). Gender-role stereotyping and stimulus equivalence. *The Psychological Record*, 43(3), 381.

Nery, L. B. (2012). Estereótipos de gênero: o efeito da exposição à mídia filme sobre brincadeiras de crianças. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].

Neto, C. E. I., Picoli, A., & Aggio, N. M. (2022). Contributions of Behavior Analysis to the study of the phenomenon of xenophobia: a literature review.

Perspectivas em Análise do Comportamento, 13(2), 219-231. doi:
org/10.18761/PAC1a23sd5a6

Perez, W. F., Nico, Y. C., Kovac, R., Fidalgo, A. P., & Leonardi, J. L. (2013). Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em análise do comportamento*, 4(1), 32-50.

Picoli, A. (2023) Estudo de estereótipos de gênero por meio do paradigma de equivalência de estímulos. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.]

de Rose, J. C., & Bortoloti, R. (2007). A equivalência de estímulos como modelo de significado. *Acta Comportamentalia*, 15, 83-102.

Rosendo, A. P. (2019). Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas a gênero e profissões. [dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]

Ryan, K. (1988). Rape and seduction scripts. *Psychology of Women Quarterly*, 12, 237– 245

Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching-to-sample: An Expansion of the testing paradigm. *Journal of the experimental Analysis of Behavior*, 37, 261-273.

<https://doi.org/10.1901/jeab.1982.37-5>

Silva, E. C. & Laurenti, C. (2016). B.F. Skinner e Simone de Beauvoir: "a mulher" à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 197-211. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.009>

Zanello, V. (2018). Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. *Editora Appris*.

ANEXOS

Apêndice 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada “O efeito do ensino de novas relações de equivalência sobre atitudes sociais”. Este termo de consentimento tem por finalidade esclarecer alguns aspectos sobre a pesquisa da qual você poderá participar:

O objetivo do estudo é investigar sobre processos envolvidos nas atitudes sociais, englobando temáticas como sexualidade, papéis sexuais e violência sexual. É importante enfatizar que tal atividade não pressupõe nenhum tipo de conhecimento específico e não consiste em nenhuma forma de avaliação ou teste de inteligência ou de personalidade. Os participantes poderão entrar em contato com a pesquisadora para obter qualquer tipo de esclarecimento sobre a pesquisa. Você poderá se recusar a participar, assim como poderá desistir de participar em qualquer fase da pesquisa, de forma a retirar o seu consentimento sem penalização alguma.

Neste estudo, as tarefas serão realizadas diante do computador. Algumas tarefas constituem em responder a questões e outras em visualizar palavras e clicar sobre elas. As informações específicas sobre as tarefas serão fornecidas pelo computador. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação, que será voluntária. Se existir qualquer despesa adicional relacionada diretamente à pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) a mesma será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

A duração de cada sessão levará aproximadamente 50 minutos, podendo ser necessário que o participante compareça a até duas sessões. Há o risco de desconforto durante

a realização da tarefa, devido à apresentação de frases e histórias envolvendo sexualidade e/ou violência sexual poderem causar vergonha, constrangimento, nojo, repulsa, raiva, tristeza e/ou algum outro mal-estar no participante. Há ainda risco de cansaço. A pesquisadora irá monitorar constantemente o comportamento dos participantes e caso seja relatado ou constatado desconforto ou cansaço, o participante poderá optar pela interrupção da atividade, sem qualquer prejuízo. As vantagens da sua participação estão relacionadas à ampliação do conhecimento acerca do objeto de pesquisa deste estudo.

A análise dos dados será realizada sem qualquer identificação nominal dos participantes. Solicitamos sigilo sobre o que você fará no estudo. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos. Ao final da pesquisa, será agendado um dia, de acordo com a sua disponibilidade, em que ocorrerá a devolutiva, ou o participante poderá optar por receber material informativo acerca da pesquisa por e-mail. Serão apresentados os resultados gerais da pesquisa, respeitando-se o sigilo dos dados individuais dos demais participantes.

Você receberá uma via deste termo via e-mail onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre a sua participação, agora ou a qualquer momento.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-8434 ou do e-mail cep.fce@gmail.com,

horário de atendimento das 14h:00 às 18h:00, de segunda a sexta-feira. O CEP/FCE se localiza na Faculdade de Ceilândia, Sala AT07/66 – Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED) – Universidade de Brasília - Centro Metropolitano, conjunto A, lote 01, Brasília - DF. CEP: 72220-900.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias e rubrique todas as páginas. Uma via ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a)

Assinatura do participante

Amanda Cordeiro Silva Mestranda em Psicologia

Contato com a pesquisadora: (61) 92000-3361 – Departamento de Processos Psicológicos Básicos - IP

Programa de Pós-Graduação em Ciência do Comportamento – UnB

Eu, _____ declaro que estou ciente dos objetivos, riscos e benefícios desta investigação e me proponho a participar como voluntário na pesquisa.

Apêndice 2

Informações do participante:

Gênero: _____

Idade: () Menos que 18

() 18 anos a 24 anos

() 25 anos a 34 anos

() 35 anos a 44 anos

() 45 anos a 54 anos

() Mais de 54

Orientação sexual: _____

Informe sua raça, cor ou etnia: _____

Qual é o teu estado civil?

() Solteiro

() Casado

() Divorciado

() Viúvo

Indique a faixa de renda que sua família possui:

() Menos de R\$ 1.000

() R\$ 2.000 a R\$ 3.000

R\$ 3.000 R\$ 4.000

Entre 4.000 e R\$ 5.000

Entre 5.000 e R\$ 10.000

Mais de R\$ 10.000

Informe qual curso está cursando na universidade: _____

Qual a instituição? _____

Anexo 1

Você conhece ou conheceu (mesmo que maneira indireta) alguém com estes nomes?

- | | |
|---------------|--------------|
| 1. Adelino | 23. Valdir |
| 2. Bento | 24. Xavier |
| 3. Clóvis | 25. Zacarias |
| 4. Dalton | 26. Ágata |
| 5. Enrico | 27. Brisa |
| 6. Eustáquio | 28. Carlota |
| 7. Germano | 29. Celina |
| 8. Heliberto | 30. Dália |
| 9. Irineu | 31. Darlene |
| 10. Joaquim | 32. Eugênia |
| 11. Kleber | 33. Fabiene |
| 12. Leon | 34. Geórgia |
| 13. Moacir | 35. Helga |
| 14. Nicolau | 36. Hilda |
| 15. Olavo | 37. Iolanda |
| 16. Plínio | 38. Iêda |
| 17. Quincas | 39. Jaíla |
| 18. Roque | 40. Leilane |
| 19. Saul | 41. Lina |
| 20. Sebastião | 42. Madalena |
| 21. Tomás | 43. Nívea |
| 22. Tito | 44. Poliana |

45. Queila

49. Virna

46. Ramona

50. Zilda

47. Samira

48. Taila

Anexo 2

Vinhetas e Escala de Atribuição de Responsabilidade

A seguir você vai ler 6 histórias que envolvem duas pessoas cada. Para cada história, você será solicitado a indicar o quanto cada uma das partes deve ser responsabilizada pela situação descrita. Assinale o círculo abaixo do número que melhor expressa a sua opinião. O círculo mais à esquerda representa que a responsabilidade foi totalmente de um personagem e o círculo mais à direita representa que a responsabilidade foi totalmente do outro personagem. Os círculos no meio representam pontos-médios. Por exemplo, na primeira história, os pontos na escala têm os seguintes significados:

1 – Germano foi totalmente responsável.

2 – Germano foi majoritariamente responsável e Taila teve uma pequena parcela de responsabilidade.

3 – Germano foi um pouco mais responsável do que Taila.

4 – A responsabilidade foi igualmente dividida entre os dois personagens.

5 – Taila foi um pouco mais responsável do que Germano.

6 – Taila foi majoritariamente responsável e Germano teve uma pequena parcela de responsabilidade.

7 – Taila foi totalmente responsável.

Por favor, considere toda a extensão da escala para expressar sua opinião exata. Em seguida, para cada história, explique em poucas palavras porque você indicou aquele ponto na Escala de Atribuição de Responsabilidade.

Vinheta 1

Taila e Germano haviam se conhecido há alguns meses numa disciplina da faculdade e começaram a sair juntos. Certo dia, após alguns encontros, Taila convidou Germano para ir a sua casa assistir um filme, o que ele prontamente aceitou. Os dois recostaram no sofá, abraçados e, durante o filme, trocaram alguns beijos. Taila começou a deitar seu corpo sobre o de Germano e ele acariciou os seios dela. Os dois passaram algum tempo se beijando e trocando carícias, ofegantes e sorrindo. Em seguida, Germano pegou uma camisinha no bolso, abaixou sua calça e cueca. Ele levantou a saia de Taila e ela disse que ela estava se sentindo insegura e, naquela noite, ela não queria transar com ele. Germano continuou levantando a saia dela, dizendo que ele sabia que ela queria. Germano tirou a calcinha dela, colocou o preservativo e a penetrou. Quando terminou, Germano falou para Taila “eu sabia que ia ser gostoso” e foi até a geladeira pegar um pote de sorvete e duas taças.

Indique quem foi responsável pelo acontecimento.

Germano foi
totalmente
responsável

--	--	--	--	--	--	--

Taila foi
totalmente
responsável

Explique sua resposta em poucas palavras: _____

Vinheta 2

Ana era uma moça de 18 anos, muito dedicada aos estudos, que cursava o último ano do ensino médio e sonhava em ser médica. Ela morava com seus pais num bairro residencial da cidade. Numa noite em que seus pais haviam saído para jantar, Ana estava dormindo quando um homem desconhecido, chamado Lucas, invadiu a sua casa. Ao ver Ana, o homem pulou em cima dela, o que a fez acordar assustada. Ana gritou “saia de cima de mim”, mas o

homem tapou a sua boca e disse “se você gritar de novo, eu te mato”. Em seguida, ele começou a arrancar o pijama dela. Ana tentou empurrá-lo, mas o homem segurou seus dois braços e a penetrou. A moça se debatia, tentando, sem sucesso, se desvencilhar do homem. Após alguns minutos, o homem saiu correndo, deixando Ana sozinha.

Indique quem foi responsável pelo acontecimento.

Lucas foi
totalmente
responsável

--	--	--	--	--	--	--

Ana foi
totalmente
responsável

Explique sua resposta: _____

Vinheta 3

Rita é vendedora numa loja de artigos eróticos e, nas horas vagas, gostava de sair com as amigas. Numa noite, Rita estava numa balada quando encontrou Thiago, um rapaz que morava no mesmo edifício que ela. Os dois costumavam se cumprimentar nos corredores, mas nunca tinham tido uma conversa muito longa. Naquela noite, Rita acenou para ele, enquanto dançava com as amigas. Thiago ficou de longe olhando como ela rebojava, observando seu corpo naquele vestido colado e decotado. Ao final da festa, Thiago viu Rita na porta da boate. Ela estava muito bêbada e ele disse que a levaria em casa. Sentada no banco do carro, Rita nem conseguia falar por conta dos efeitos do álcool. No meio do caminho, Thiago parou o carro e pegou em sua coxa, e disse que gostou de ver o jeito que ela dançava naquela noite. Ele jogou o seu corpo sobre o de Rita, que continuou muda e estática, e a penetrou. Após gozar, Thiago voltou para o banco do motorista e dirigiu até o prédio onde eles moravam. Ele carregou Rita até o apartamento dela, abriu a porta com as chaves que estavam em sua bolsa e a colocou deitada na cama.

Indique quem foi responsável pelo acontecimento.

Thiago foi
totalmente
responsável

--	--	--	--	--	--	--

Rita foi
totalmente
responsável

Explique sua resposta: _____

Vinheta 4

Laura e Rodrigo eram estudantes universitários que, embora morassem na mesma cidade, nunca tinham se visto. Certa noite, foram a uma festa numa república. Laura estava na fila para comprar uma bebida, quando Rodrigo passou. Os dois trocaram olharam e sorriram um para o outro. Depois de pegar sua bebida, Laura viu Rodrigo novamente num corredor e ele a cumprimentou. Laura se aproximou, trocaram algumas palavras e começaram a se beijar. Os beijos ficaram mais intensos e seus corpos se aproximavam cada vez mais. Depois de algum tempo, Rodrigo perguntou a Laura se ela queria ir para a casa dele, ali perto, e ela respondeu que sim. Chegando lá, os dois voltaram a se beijar intensamente com suas mãos alisando os corpos um do outro. Na cama, Rodrigo tirou a camisa e Laura também começou a tirar a roupa dela enquanto se beijavam. Ele encostou seu corpo nu no corpo dela e esticou o braço para pegar um preservativo na gaveta do criado-mudo. Laura abriu um pouco mais as pernas, de forma a dar espaço para ele chegar mais perto. Rodrigo colocou a camisinha e a penetrou. Ao final, Rodrigo disse a Laura que iria tomar um banho e levantou-se da cama.

Indique quem foi responsável pelo acontecimento.

Rodrigo foi
totalmente
responsável

--	--	--	--	--	--	--

Laura foi
totalmente
responsável

Explique sua resposta: _____

Vinheta 5

Patrícia e Jaime eram jornalistas e estavam casados há 8 anos e eram vistos como um casal feliz. Numa manhã de domingo, eles tiveram uma discussão que os deixou magoados um com o outro. Por conta disso, Patrícia decidiu passar o dia na casa da irmã. Quando voltou para casa, Jaime havia pedido uma pizza que ambos gostavam e disse à esposa que tinha sido muito ruim ter tido aquela discussão com ela. Ela concordou e eles jantaram juntos e falaram sobre trivialidades. Mais tarde, quando deitaram na cama, Jaime se aproximou de Patrícia, tentando beijá-la. Patrícia virou o rosto, se afastando do marido. Jaime disse que queria que eles ficassem bem, puxando o corpo de Patrícia para perto dele. Patrícia tentou tirar as mãos do marido de sua cintura, mas ele insistiu e a segurou com mais firmeza. Ele disse que a amava e que eles nunca mais iam brigar, deitando sobre ela, e a penetrou. Depois de algum tempo, Jaime deitou ao lado da esposa e adormeceu, com os braços envolta dela.

Indique quem foi responsável pelo acontecimento.

Jaime foi
totalmente
responsável

--	--	--	--	--	--	--

Patrícia foi
totalmente
responsável

Explique sua resposta: _____

Vinheta 6

Selma era manicure e malhava numa academia a algumas quadras de sua casa, num bairro da periferia. Era uma quinta-feira de verão, às 22h, quando Selma estava saindo do

treino. Ela vestia um top rosa choque e shorts com os dizeres “gata da academia” na parte de trás, além de um par de tênis que combinava com sua roupa. Passando por uma rua escura, um homem desconhecido chamado Vitor se aproximou por trás dela e disse “vire na próxima rua à direita que eu vou te comer todinha”. Coincidentemente, aquela era a rua em que Selma morava. Ela ficou pálida, seus olhos se arregalaram e ela acelerou o passo, em direção a sua casa. Vitor também virou a esquina, alcançando Selma e colocando-a entre o corpo dele e o muro. Selma ficou imóvel. Vitor abaixou as roupas de ambos e a penetrou. Logo após, alguém abriu o portão de uma casa próxima, aparecendo na rua. Vitor se afastou de Selma e correu para a direção oposta à casa.

Indique quem foi responsável pelo acontecimento.

Vitor foi
totalmente
responsável

--	--	--	--	--	--	--

Selma foi
totalmente
responsável

Anexo 3

Instrução e Itens da Escala AMMSA

Você será apresentado a uma série de frases e solicitado a indicar o quanto você concorda ou discorda com cada uma delas. Estamos interessados apenas na sua opinião pessoal. Por favor, leia cada frase atentamente e então assinale o número de 1 a 7 que melhor representa a sua opinião. Os pontos na escala têm os seguintes significados: 1= discordo totalmente; 2 = discordo; 3 = discordo parcialmente; 4 = neutro; 5 = concordo parcialmente; 6 = concordo; 7 = concordo totalmente. Por favor, considere toda a extensão da escala para expressar sua opinião exata.

1. Quando se trata de contato sexual, as mulheres esperam que os homens tomem a iniciativa.
2. No momento em que um homem e uma mulher começam a “dar uns amassos”, as inseguranças da mulher sobre sexo vão sumir automaticamente.
3. Uma grande quantidade de mulheres reclama muito sobre abusos sexuais sem razão alguma, apenas para parecerem politizadas.
4. Para conseguir a guarda de seus filhos, mulheres frequentemente acusam falsamente seus ex-maridos de terem uma tendência à violência sexual.
5. Interpretar gestos inofensivos como “assédio sexual” é uma arma frequente na guerra dos sexos.
6. É uma necessidade biológica para o homem aliviar a pressão sexual de tempos em tempos.
7. Hoje em dia, mulheres recebem amplo suporte após um estupro.

8. Atualmente, uma grande proporção de estupros é parcialmente causada pela representação da sexualidade na mídia, uma vez que ela aumenta o desejo sexual de potenciais agressores.
9. Se uma mulher convida um homem para tomar um café na casa dela depois de uma saída à noite, isso significa que ela quer transar.
10. Até um certo limite, cantadas e investidas significam simplesmente que a mulher é atraente.
11. Qualquer mulher que for descuidada o suficiente para andar em uma rua deserta à noite é parcialmente culpada se for estuprada.
12. Quando uma mulher começa uma relação com um homem, ela deve estar ciente que o homem irá exigir o direito de ter relações sexuais.
13. A maioria das mulheres prefere ser elogiada por sua aparência do que por sua inteligência.
14. Por causa do interesse causado pelo sexo ser desproporcionalmente grande, a sensibilidade de nossa sociedade para crimes nessa área é também desproporcional.
15. Mulheres gostam de se “fazer de difícil”. Isto não significa que elas não querem sexo. Muitas mulheres tendem a exagerar sobre o problema da violência masculina.
16. Quando um homem tenta insistentemente persuadir sua parceira para transar com ele, isto não pode ser chamado estupro.
17. Quando uma mulher solteira convida um homem solteiro para o apartamento dela, ela sinaliza que não está contrária a ideia de transar.
18. A principal razão para políticos abordarem a questão do estupro é por ser um tópico provável de atrair a atenção da mídia.
19. Ao buscar definir “estupro conjugal”, não existe uma distinção clara entre relação sexual conjugal normal e estupro.

20. A sexualidade de um homem funciona como uma chaleira, quando a pressão aumenta ele tem que “liberar o vapor”.
21. Mulheres frequentemente acusam seus maridos de estupro conjugal, apenas para revidar um relacionamento ter fracassado.
22. A discussão sobre assédio sexual no trabalho resulta principalmente da má interpretação de comportamentos inofensivos como sendo assédio.
23. Em um encontro, a expectativa comum é que a mulher “puxe o freio” e o homem “pise no acelerador”.
24. Apesar das vítimas de assalto a mão armada temerem por suas vidas, elas recebem bem menos apoio psicológico do que vítimas de estupro.
25. O álcool é frequentemente o culpado quando um homem estupra uma mulher.
26. Muitas mulheres tendem a interpretar erroneamente um gesto bem-intencionado como “abuso sexual”.
27. Atualmente, a vítima de violência sexual recebe ajuda o suficiente com abrigos para mulheres, oferta de terapia e grupos de apoio.
28. Ao invés de se preocupar com quem alega ter sido vítima de violência sexual, a sociedade deveria tratar de problemas mais urgentes, como a destruição do meio ambiente.
29. Hoje em dia, homens que realmente agridem sexualmente uma mulher são punidos de maneira justa.

Anexo 4

Experimentador(a)	Participante	Atribuição de Responsabilidade	Escore no AMMSA
	P3	não	3,62
	P4	culpabilizou	2,62
	P18	não	1,31
	P6	não	1,75
	P7	não	1,69
	P10	não	2,9
	P11	não	2,86
	P15	não	1,24
	P16	não	2,55
	P21	não	2
	P22	culpabilizou	2,65
	P23	culpabilizou	2,21
Mulher	P24	não	1,1
	P27	não	2,2
	P35	não	1,52
	P36	culpabilizou	2,82
	P39	não	1,93
	P40	não	3,31
	P42	não	2,03
	P45	não	3,38
	P46	não	1,86
	P47	não	1,69
	P48	culpabilizou	4,1
	P49	não	1,93
	P50	não	2,55
	percentual e média	5/25 - 20%	2,3128
	P2	não	1,38
	P5	não	1,76
	P12	não	1,7
	P13	culpabilizou	3,31
homem	P19	não	2,31
	P20	culpabilizou	2,52
	P31	não	2,38
	P32	não	3,1
	P37	culpabilizou	2,48

P38	culpabilizou	2,21
P41	culpabilizou	2,34
P14	não	1,72
P25	culpabilizou	2,93
P26	não	2,24
P33	não	2
P34	não	2,96
P1	culpabilizou	3,31
P8	não	2,45
P9	não	1,62
P17	culpabilizou	3,03
P28	não	2,41
P29	não	1,79
P30	não	2,27
P43	não	3,62
P44	não	1,55
percentual e média	8/25 - 32%	2,37